

MIGUEL GALVÃO TELES

IMPRESSÃO DIGITAL

‘É preciso não vender a alma’

Recém-galardoado com o Oscar da advocacia, o jurista conta o que andou para aqui chegar

TIAGO FERNANDES TEXTO E BRUNO PORTELA FOTO

DELE DIZEM QUE É UM LIVRE PENSADOR como há poucos. O próprio diz que, na sua vida, coexiste bem a admiração por Marcello Caetano com a contestação à ditadura e os ideais de esquerda.

Aos 67 anos e após ter sido distinguido com o prémio internacional da Chambers and Partners – uma espécie de Oscar da advocacia – Miguel Galvão Teles desfia à VISÃO o rosário de uma vida cheia: das futeboladas da juventude, em que partia os rins a Jorge Sampaio, passando pela política e o Sporting, até ao Direito, em que foi um dos protagonistas da génese dos grandes escritórios de advogados. Participa, juridicamente, nas duas OPA's que podem mudar a economia portuguesa: a da SONAE sobre a PT e a do BCP sobre o BPI. Da vida pessoal não gosta de falar, mas revela que os dois aneurismas que sofreu serviram para lhe mostrar que os dias não têm 30 horas.

VISÃO: Porque é que acha que foi distinguido com este «Oscar» da advocacia?

MIGUEL GALVÃO TELES: Acho que sou competente e domino razoavelmente muitas áreas do Direito. Mas o mais importante deste prémio foi ter sido atribuído a um português, até porque tem sido sempre dado a americanos ou britânicos, e acho que serve mais a auto-estima portuguesa do que a minha.

Ao fim de 40 anos de carreira, que prazer continua a retirar do que faz?

O estímulo de cada caso. São todos diferentes e não há o risco da saturação. É certo que chegamos a uma idade e já não há tanta paciência e tenho a sorte de poder delegar certas coisas. Procuo advogar o mais possível à antiga e escrevo à mão as minhas próprias peças.



1940 Na casa da avó

Gostaria de mostrar este prémio à sua professora

que não acreditou que tivesse sido o pequeno Miguel a fazer um exaustivo trabalho sobre a cortiça?

(Risos) Já não sei se foi no Colégio Francês ou já no liceu. Entusiasmei-me imenso a fazer esse trabalho e andei a pesquisar coisas, em muitos lados. Até um tratado interna- ▶



cional sobre o *Quercus Suber* (nome do sobreiro, em Latim) encontrei e fiz, de facto, um trabalho jeitoso. Mas, enfim... Fui sempre um razoável aluno, mas só me tornei aplicado nos últimos anos do liceu.



MOMENTOS

1942, Foz do Douro (em cima); com os primos (à direita); no Colégio Francês com a turma da 3.^a classe

é curioso, pertencendo a uma família conservadora...

Sim, eu até me chamo Miguel, em honra do rei D. Miguel, fruto de uma tradição da família da minha mãe em que os filhos mais velhos tinham esse nome. Mas ela dizia que eu era a pessoa mais rebelde que já



É desses tempos que guarda as melhores recordações da infância?

Era tratado como um príncipe e ainda hoje retenho a beleza da Foz do Douro onde havia prados com vacas... e depois não havia o cutelo da disciplina que eu tinha em casa. A minha mãe não me deixava comer açúcar do açucareiro e, quando estávamos todos no Porto, era ver a minha avó a dar-me o açucareiro por baixo da mesa, sem ninguém ver.

Era rebelde, indomável ou insubordinado?

Rebelde e insubordinado. No trato, era dócil, mas tinha aversão à disciplina. Com a minha mãe foi mais complicado, era mais protectora. O meu pai era diferente, mais ocupado com as coisas dele. Só por uma vez me deu uma bofetada e foi muito bem dada, pois respondi-lhe torto.

Gostou da mudança para o liceu Pedro Nunes?

Sim, foi lá que conheci o Jorge Sampaio e outros grandes amigos. Mas gostei mais do Passos Manuel, onde fui concluir o liceu. Tinha um leque de professores irrepetível e que me marcou imenso, desde o José Hermano Saraiva ao Joel Serrão. O Pedro Nunes era um local tenso, com um grande controlo sobre os alunos. Tinha um estupendo campo de futebol e não podíamos jogar à bola.

Como é que resolviam o assunto?

Íamos para o campo do Cascalheira. De um lado, estava a equipa dos 11 Cruzados, que até tinha equipamento e botas, onde jogava o Pinto Balsemão, a defesa-central, e que nunca sujava as botas. Do outro lado, estavam os outros, onde jogava eu, a ponta esquerda e o Sampaio a defesa.

Nos treinos, era-lhe fácil driblar o futuro Presidente ou não?

Facílimo! (risos). Tinha poucos rins e depois não fazia faltas. Respeitava religiosamente as regras. Aliás, ele conseguiu chegar aos 67 anos sem nunca ter tido uma multa de trânsito.

Sendo o filho mais velho de dois licenciados em Direito, tinha de ser advogado?

Não, tanto que ainda hesitei em ir para Matemática, graças a um professor des-

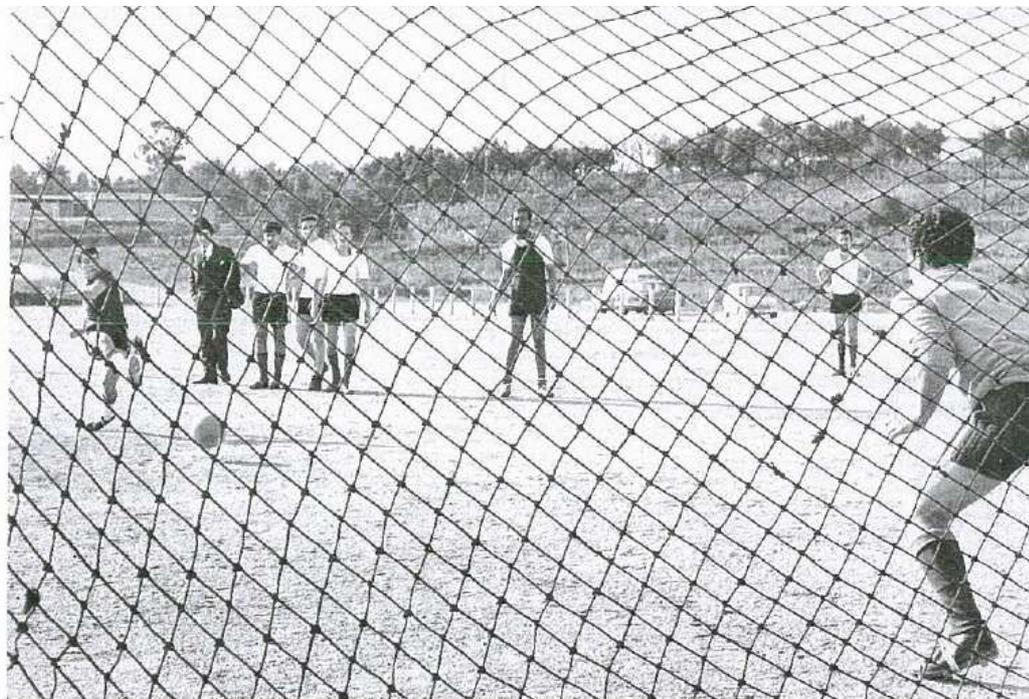


A sua infância tinha outras prioridades?

A primeira era jogar à bola. Uma coisa incontrolável! Até em casa, fosse no quarto ou no corredor. Eram umas futeboladas memoráveis. O meu pai até diz que a pessoa que mais admirava era o nosso vizinho de baixo, na Rua Padre António Vieira.

Dizem que já nasceu de esquerda, o que

vira. Eu chegava a dizer ao meu irmão mais novo: «Não faças o que a mãe diz, porque ela não tem razão.» Por outro lado, sempre tive alguma generosidade: caso o tivesse, dava sempre todo o dinheiro que me pediam, fossem amigos ou pedintes. Mas era um miúdo muito barulhento e os meus pais mandavam-me, com frequência, para casa da minha avó, no Porto.



>> 'É PRECISO NÃO VENDER A ALMA'

lumbrante que eu tive aos 12 anos. Mas a decisão foi inteiramente minha, apesar de, em casa, o Direito ter sido sempre o tema de conversa à mesa. O meu pai foi influente, mas mais a outro nível.

Qual?

No respeito extremo que nos inculuiu em relação ao trabalho. Para ele estava à frente de tudo e tornou isso numa cultura familiar. Se eu estivesse a estudar, ninguém podia fazer barulho e com os meus irmãos era a mesma coisa. Foi dos poucos lados da disciplina a que me rendi... mas a verdade é que a paixão requer concentração.

Teve uma educação católica mas é hoje um homem distante da religião. Como se deu essa ruptura?

Tinha 20 e tal anos e foi um processo racional. Em criança, a missa ao domingo era obrigatória. Mas, para mim, nunca foi uma vivência muito acentuada. Um dos meus irmãos ainda ponderou ir para padre e eu jamais tive essa ideia. Mas a religião ainda fez muito tempo parte da minha vida, tendo militado na Juventude Universitária Católica (JUC).

Como católico teve reservas quanto à esquerda mais radical onde estavam os seus amigos?

Tive, mas nada tinham a ver com a religião. Fui muito influenciado por Marx, mas a minha liberdade era sagrada. Era socialista, mas jamais aceitaria uma ditadura do proletariado.

Nos anos 60, foi constrangedor alinhar

NA FACULDADE

Com os irmãos, José Carlos (em cima, à direita), Margarida e Luís; a marcar um golo num jogo de estudantes

na contestação estudantil, sendo o seu pai director da faculdade de Direito?

Senti que tinha de ter alguma cautela para não ferir o meu pai. Quando os meus colegas se reuniam para dizerem mal do director, eu não ia às reuniões, por razões óbvias. Em 1962, na crise académica, tornou-se para mim mais fácil aderir ao movimento estudantil, pois o meu pai demitiu-se. As dificuldades reaparece-

me chamou uma vez a Belém porque o Presidente queria a minha opinião sobre uma matéria constitucional, não me lembro já qual. A conversa correu bem, ficámos amigos e passei a ser chamado a Belém com frequência.

Imagino que os seus amigos do PS não tenham achado graça...

Talvez, mas nunca ninguém me disse nada. A disciplina partidária, comigo, nunca funcionou: era do PS, mas fazia o que me apetecia. Quando o Eanes me convidou, em 1982, para o Conselho de Estado, saí do partido. Só voltei, muitos anos depois, quando o líder era o Ferro Rodrigues.

O PODER NUNCA ME INTERESSOU E ATÉ ACHO QUE NÃO TENHO PERFIL PARA MANDAR. E, DEPOIS, FIQUEI VACINADO COM O QUE SE PASSOU COM O MEU PAI

ram quando ele foi para ministro da Educação.

Consta que a sua mãe não achava muita piada ao aspecto de alguns amigos seus...

Sim, para ela eram todos comunistas (risos). Quando telefonavam para mim, não me dizia. Giro é que muitos vieram a ser governantes... e um até Presidente! Mas é uma mulher admirável.

Aderiu ao PS em 1978, mas, pouco depois, aproxima-se de Ramalho Eanes. Como é que isso se deu?

Creio que foi o Henrique Granadeiro [chefe da Casa Civil da Presidência] que

Gostou de ter integrado o Conselho de Estado?

Imenso! Aquilo era animadíssimo e um deslumbrante microcosmos do sistema político. Em 1985, após a queda do Bloco Central, numa reunião tensa para o dr. Mário Soares deu-se um episódio caricato: comecei a achar a discussão muito arrastada e desatei a trocar papéis, na brincadeira, com o Figueiredo Dias. Resolveu ir à casa de banho e, azar dos diabos, o Figueiredo Dias teve a mesma ideia. Às tantas, entra o dr. Mário Soares, furioso, a dizer «Vieram para aqui conspirar contra mim.» O que, claro, não era verdade (risos).

A sua adesão ao PRD decorre da sua afeição a Ramalho Eanes?

Completamente. Nunca fui especialmente entusiasta do PRD, mas aquele era o caminho político do general Eanes e eu segui-o. O Bloco Central tinha sido muito mau e o PRD obrigou a mudar hábitos e trouxe uma nova cor à política. Mas foi meramente transitório. O PRD era como dois partidos, um PS e outro PSD, e isso dificultou as coisas. As legislativas de 1985 foram o princípio do fim: tivemos 18% dos votos e havia quem defendesse que seria desejável um Governo PSD/PRD, ao passo que outros, como eu, de influência socialista, rejeitavam essa solução. Prevaleceu, como se sabe, esta segunda tese e hoje, reconheço que isso foi a morte do PRD, como se viu em 1987.

Porque é que sempre estive na política, sem nunca ter ocupado nenhum cargo?

O poder nunca me interessou e acho até que não tenho perfil para mandar. E, depois, fiquei vacinado com o que se passou com o meu pai, vendo o desgaste que sofre quem passa por funções governativas.

Era discípulo de Marcello Caetano e ficou como assistente dele, na faculdade. Conseguia separar o académico do político?

Para mim, não há questões fracturantes, seja na política, no futebol ou na religião. Só a falta de carácter... Sempre nos demos muito bem e é uma pessoa que eu recordo pelas suas admiráveis qualidades intelectuais. E, para ele, era simples lidar com as dissonâncias de opinião política, até porque as tinha com o filho. Quando ele me convidou, disse-lhe logo que era democrata e socialista. «Isso passa-te», respondeu ele.

Mantiveram a amizade, quando ele substituiu Salazar, no Governo, em 1968?

Sim, e até me pediu colaboração em al-

guns dossiês como a lei da liberdade religiosa, entre outros

A sua ligação a Marcello Caetano foi decisiva para a sua incursão no Direito Constitucional. Nunca gostou de Direito Criminal?

Tive um ou dois processos, no início da minha carreira, e até achei alguma piada.

1974 e ditei um texto. Fiz, depois, o projecto do segundo pacto MFA/partidos.

O momento crítico para a sua notoriedade ocorreu quando se tornou advogado do BCP?

Foi um período que marcou muito a prática da minha advocacia. Tem graça que eu tinha estado com o Jardim Gonçalves

[primeiro presidente do banco] na JUC, onde nos tornámos óptimos amigos, mas foi outra pessoa que me contratou, em finais de 1985. O BCP marcava o arranque da banca privada e isso obrigou-nos a desenvolver os conhecimentos do Direito nas relações internacionais e impôs uma prática jurídica mais exigente.

Como é ser um dos protagonistas da refundação da advocacia dos pequenos escritórios para a das grandes sociedades de advogados?

Foi uma refundação inevitável. Eu tinha uma pequena sociedade com o Soares da Silva, que era como uma *boutique* muito rentável e com pouca gente, mas tivemos de crescer, o volume de trabalho era cada vez maior. As grandes sociedades trouxeram grandes melhorias qualitativas: consegue-se recrutar, com maior facilidade, gente de primeiríssima água e somos obrigados, nós, os mais velhos, a ser profundamente exigentes com a qualidade.

Apenas 5% das sociedades de advogados, entre as quais a sua, acedem aos grandes negócios. A advocacia está a tornar-se uma uma classe de desigualdades?

Diria que esse número restrito de sociedades com acesso aos grandes negócios resulta do número restrito de sociedades que têm condições e dimensão para esse tipo de assuntos. A advocacia de pequenos escritórios funciona melhor nos tribunais. A desigualdade é explicável pelo número excessivo de advogados que temos. A qualidade do ensino jurídico de algumas faculdades privadas é mínima.



1974

Na Holanda, com a segunda e actual mulher, Helena

Mas é um ramo do Direito que exige um grau de especialização para o qual não tenho perfil. De facto, o Marcello Caetano foi decisivo na via jurídica que assumi. Mas também o pós-25 de Abril: fiz o anteprojecto do primeiro diploma constitucional provisório, a lei 3/74. Apareceu-me em casa, muito aflito, o meu amigo Correia do Amaral, no célebre 1 de Maio de



AMIGOS

Com o general Eanes; e com Jorge Sampaio, que o agraciou com a Ordem de Cristo, em 2004



JORGE BRILLHANTE

>> 'É PRECISO NÃO VENDER A ALMA'

Defende que «a advocacia não é só negócio». Não é difícil passar essa ideia, ao estar envolvido, juridicamente, nas maiores operações financeiras de sempre, como as OPA à PT e ao BPI?

Pode ser difícil, mas é preciso não vender a alma. E ser capaz de dizer «isto eu não faço!». Há causas, não digo quais, que jamais defenderia como advogado.

Consegue manter a rectidão em processos onde estão em jogo interesses tão avultados?

Graças a Deus, nunca me vi perante nenhuma situação limite. Tive pena de deixar a vice-presidência da assembleia geral da PT, quando o meu escritório foi contratado para representar a SONAE, nesta OPA. Estimo imenso as pessoas da PT, mas jamais tomei decisões contra a minha consciência. A minha carta de demissão não tinha dia indicado, só mês. Eu ia ser operado em Espanha e deixei-a para ela entrar, mal a OPA fosse anunciada.

Sente mais responsabilidade quando assume processos desta envergadura?

Nenhuma das OPA se vai decidir por *know-how* jurídico. O essencial, para nós, é não cometer nenhum erro e que as nossas formulações saiam daqui impecáveis.

É um crítico da legislação relativa às privatizações e entende os espanhóis eaça à nossa economia.

Representaria um consórcio espanhol na compra de um grupo português?

(Pausa) Tenho clientes espanhóis e dependeria muito de que operação fosse. Não posso falar pelo escritório, mas eu, se estivesse em causa algo crucial para a economia portuguesa, não interviria como advogado.

Ao receber o «Oscar», foi destacado o seu «carácter excepcional na resolução de conflitos». Fora da advocacia, também consegue ser assim?

Onde eu sou mesmo bom é a advogar. No resto... não tenho a certeza de ter sido tão presente como gostaria na vida da minha família. Admito que não estive sempre a 100%, quando os meus quatro filhos precisavam.

Ao lado de uma intrépida advocacia e intervenção política, cultivava a boémia?

Oh sim, noutros tempos. Gostava muito da noite e de beber uns copos com os amigos, mas, coisa estranha, mudei radicalmente. Deixou de me apetecer.

A doença fê-lo ver a vida noutra perspectiva?

Quando se passa por dois aneurismas – felizmente, nenhum deles cerebral – muita coisa muda: além de ter mandado o tabaco à vida, acabei com a minha noção de ausência de limites. Até aí, se eu quisesse, o dia tinha 30 horas. Tomava uns cafés e fumava uns cigarros e o dia esticava. Sentia-me invencível pelo cansaço. E hoje percebo que não é assim, em-

bora me custe a adaptar-me a uma vida mais regrada.

É verdade que, quando presidiu à assembleia geral do Sporting, o seu entusiasmo a ver os jogos era tanto, que o mandavam calar?

(Risos) Foi só uma vez: estávamos em Jerusalém, num jogo contra o Beitar e puseram-nos atrás do banco de suplentes. A defesa deles estava adiantada, o Iordanov ia arrancar e dei um berro a dizer que ele ia ficar fora-de-jogo. O dr. Roquette [então presidente] ficou surpreendido e alguém disse que eu devia calar-me.

Conheceu um futebol diferente, enquanto dirigente, daquele que conhecia como adepto?

Não, até porque não lidava com a área do futebol. Sofre-se é horrorosamente mais com uma derrota, porque começamos a pensar no dinheiro que o clube perde e no desgaste das direcções, coisa a que não ligamos enquanto adeptos. Perde-se muito o prazer de ver os jogos.

Sabe-lhe bem ganhar o dinheiro que ganha na advocacia?

Sabe, porque preciso e desejo não ter preocupações. Tenho uma vida confortável, mas os bens materiais que mais aprecio continuam a ser os livros. Não tenho pachorra para ostentações e fujo do *jet-set* a sete pés. Prefiro o meu refúgio de Azeitão.

É o rebelde a ser domesticado?

É a idade. ■